



Fotos: Divulgação



Pesquisa para ENTRAR PARA A HISTÓRIA

Seis centros de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), dez universidades, duas empresas de consultoria e tecnologias de aplicação, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INDT-SEC/CNPq) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa), além, é claro, do Sindag. Esse é o time envolvido na mais abrangente pesquisa até hoje realizada no Brasil sobre tecnologia para aplicação aérea de defensivos. O projeto *Desenvolvimento da Aplicação Aérea de Agrotóxicos como Estratégia de Controle de Pragas Agrícolas de Interesse Nacional* começou a sair do papel no final de 2013 e ainda segue até 2017.

O objetivo é desenvolver técnicas e equipamentos para melhorar o controle das pragas na lavoura, com menos produtos e menor risco para o meio ambiente. A pesquisa abrange não só a relação entre preparo e tipos produtos com a escolha e regulação dos

equipamentos acoplados aos aviões, como envolve também estudos para o controle da deriva (quando a nuvem do produto se desloca) tanto nos limites da lavoura como dentro das faixas de aplicação (para evitar sobreposição ou espaços “em branco”).

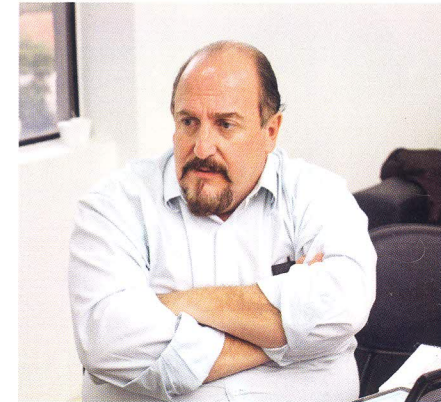
Os trabalhos em campo devem ocorrer no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, sobre pragas de lavouras comuns a cada região. Já o estudo da deriva acontece em todas as frentes, para ser aplicado em todos os climas. Essas frentes já incluem, por exemplo, testes com defensivo biológico contra a cigarrinha-da-raiz na cana-de-açúcar, em Minas Gerais, e aplicações de produtos contra ferrugem, percevejos e plantas daninhas na soja do Paraná. No Rio Grande do Sul, os pesquisadores seguem trabalhando em lavouras de arroz e soja (tanto plantações em separado como áreas que revezam as duas culturas). E outros ensaios devem começar nos próximos meses em todas as regiões.

Biologia e tecnologias

Segundo o coordenador geral do projeto e pesquisador da Embrapa, Paulo Estevão Cruvinel (foto), os estudos estão se baseando também na biologia das pragas. Isso inclui a avaliação da deposição nas partes alta, média e baixa das plantas e ainda os cuidados necessários para que as operações não prejudiquem outros insetos, como, por

exemplo, as abelhas.

Já no rol de tecnologias estão sendo preparados sensores eletrônicos para detecção de deriva e, nas próximas etapas, drones deverão ajudar na avaliação das pulverizações. Além disso, os pesquisadores estão avaliando as barras de pulverização existentes no mercado. O que possibilita calcular os melhores ajustes e



CASTOR BECKER JÚNIOR/C5 News-Press

sugerir modificações aos fabricantes, quando for o caso.

Sensores permitirão ajustes em tempo real

Pelo convênio para o projeto, a Embrapa entra com os pesquisadores e laboratórios, além do planejamento, avaliação e publicação dos resultados. Já o Sindag garante aeronaves, equipamentos e pessoal para as pulverizações, além de ajudar a divulgar os resultados.

No final, além de um compêndio para o melhor uso dos equipamentos que já existem, a aviação deverá contar com novos sensores e aparelhos com leituras em tempo real das aplicações, possibilitando ajustes do equipamento e trajetória durante o voo.



Os trabalhos em campo abrangem lavouras de arroz (fotos no alto à esquerda), soja e cana-de-açúcar, além de testes sobre deposição e deriva (direita), com uso de papéis hidrossensíveis e plantas bioindicadoras, como tomate, colocados nas lavouras e em faixas a partir de 10 metros no perímetro das plantações.

